

O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO INDÍGENA EM EXPOSIÇÕES MUSEAIS: localização, acomodação e formas de apresentação

Leilane Patricia de Lima*

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre os museus enquanto importantes espaços de comunicação e estudo para a Arqueologia e apresentar alguns resultados da pesquisa de pós-doutoramento vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob supervisão da professora Dr^a. Marília Xavier Cury, com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O estudo denominado “Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná” tem como objetivo analisar como a Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena são evidenciados em exposições museais nestas duas regiões. Até o momento foram realizadas visitas técnicas em 44 instituições localizadas em municípios paulistas e paranaenses. Para a coleta de informações durante as visitas técnicas foi preenchido um roteiro em todas as instituições e exposições visitadas. Especificamente, foi analisada a presença ou não de vestígios arqueológicos indígenas e de referências à Arqueologia nos espaços expositivos. Como resultado, está sendo elaborado um banco de dados que contemplará a análise de cinco temas diferentes: o museu, a exposição, a arqueologia, o patrimônio arqueológico indígena e a experiência da visita. A partir desta base de dados serão produzidos relatórios comparativos que permitirão uma visão mais ampla das propostas comunicacionais que foram estudadas. Em particular, a respeito do patrimônio arqueológico relacionado às populações indígenas, a análise permitirá compreender os tipos de vestígios arqueológicos que cada instituição apresenta, a procedência, os espaços ocupados nas exposições e sua localização, a forma em que estão acomodados, como são apresentados, quais os recursos expográficos usados junto aos objetos, como colaboram com o recorte temático proposto etc. Toda esta análise ajudará a pensar certos padrões em exposições e, mais do que isso, se os objetos arqueológicos indígenas são elementos comuns nestas propostas comunicacionais que têm função essencial na memória coletiva.

* Pesquisadora de pós-doutorado vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo. Possui Doutorado e Mestrado pela mesma Universidade. Possui graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Londrina. Interessa-se nas discussões sobre Arqueologia Pública, Museus, Educação Patrimonial e estudos de público, desenvolvidos em ambientes de educação formal e não formal. Brasil. E-mail: leilaneplima@gmail.com

Palavras-chave: Museu, Exposição, Avaliação Técnica, Patrimônio Arqueológico Indígena.

Introdução

É evidente que a Arqueologia passa por um novo momento, caracterizado pela ampla circulação de conhecimento e pela multiplicidade de grupos sociais interessados e envolvidos nas interpretações e nos vestígios do passado. Tais grupos buscam expandir sua participação na produção e na gestão do conhecimento e do patrimônio arqueológico e, ao mesmo, apropriam-se deste patrimônio e o ativam para fins políticos, econômicos, sociais, culturais, educacionais entre outros (SALERNO, 2012, p. 192).

Desse modo, é possível afirmar que, no cenário nacional, o campo da preservação arqueológica tem passado por profundas mudanças e o que era antes decidido pelos arqueólogos quase que exclusivamente, agora já não é mais, pois diferentes segmentos sociais vêm tomando frente na defesa de interesses específicos (LIMA, 2007, p. 5).

Nesse novo contexto de participação de diferentes sujeitos nos processos de construção e de comunicação do conhecimento arqueológico, a Arqueologia Pública ganhou evidência como campo de conhecimento, reflexão e ação da Arqueologia cujas tarefas principais são inclinadas a equilibrar as relações entre passado e presente, pesquisa e público, saberes científicos e não científicos, benefícios e beneficiários do universo patrimonial; e a agir em prol da promoção, circulação e comunicação mais amplas do conhecimento arqueológico, uma vez que este conhecimento é de uso comum da sociedade brasileira.

Ademais, estas transformações, novas participações e interesses no campo do patrimônio têm revelado, entre outras coisas, as múltiplas apropriações do passado e do patrimônio arqueológico, a diversidade de critérios e de interesses de preservação, as dificuldades em equilibrar diferentes discursos (acadêmicos e não acadêmicos) (BEZERRA, 2012, p. 82), a necessidade de políticas públicas e de legislação (municipal, estadual e federal) coerentes com as novas demandas (LIMA, 2007, p. 7; MENESES, 2007, p. 39) e, finalmente, a dimensão social, pública e comunicacional da Arqueologia².

A respeito de sua dimensão comunicacional, esta pode processar-se a partir de um emaranhado de iniciativas, meios e propósitos, realizados em diferentes contextos: os museus e os processos de musealização, as escolas e os programas educativos, a

² Ver discussão mais ampla em (LIMA, 2014).

universidade e a divulgação científica, o sítio e o turismo arqueológico entre outros. No entanto, este artigo pretende tratar de um tipo específico de comunicação, aquela que é realizada no ambiente do museu, a partir de seu produto comunicacional mais legitimador: a exposição.

A Comunicação Museológica e a Exposição

Os museus são instituições culturais cujas tarefas principais são adquirir, pesquisar, documentar, conservar e comunicar o patrimônio cultural que está sob sua guarda, sendo que a completude de todas estas ações compõe seu compromisso principal com a sociedade: a preservação do patrimônio cultural musealizado, seja ele material ou imaterial.

No tocante às ações de salvaguarda (pesquisa e documentação), seriam tarefas básicas dos museus: inventariar as coleções, realizar ações de conservação preventiva de acervos materiais e tratamentos específicos para os suportes de patrimônio imaterial, higienizar, manejar e conservar os acervos adequadamente, controlar a entrada e a saída de acervos, oferecer uma área de guarda dos objetos; disponibilizar instrumentos de pesquisa ao público etc.³.

Para o cumprimento das ações de comunicação, estas instituições culturais deveriam, entre tantas coisas, garantir o acesso ao público visitante, com horários de abertura previamente definidos, ter normas e diretrizes para atendimento do público, manter exposições de longa duração, realizar exposições temporárias e itinerantes, ter áreas de exposições adequadas e acessíveis, ter canais de comunicação com o público (eletrônico, telefônico, presencial), oferecer atividades educativas e ações de divulgação etc..

De maneira específica, as iniciativas de comunicação dos museus revelam que estas instituições têm poder comunicacional, especialmente a partir dos seus principais produtos: as exposições e as ações de educação. Cury (2010, p. 360), citando Martín-Barbero (1995), comparou a comunicação museológica à interação, ou seja, como “espaço” de negociação do significado da mensagem, considerando que a mensagem

³ A respeito das atividades de salvaguarda e comunicação em museus, consultar os parâmetros técnicos para as instituições museais do estado de São Paulo. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico. Grupo Técnico de Coordenação do SISEM-SP. *Cadastro Estadual de Museus de São Paulo*, 2016. Disponível em: <<http://www.sisemsp.org.br/>>. Acesso em: jul. 2016.

parte do emissor para ser discutida com o receptor. Ainda, esta mensagem não é única, fechada e isolada, mas precisa estar aberta a interpretações diferentes por parte do público, o receptor. Sendo assim, a comunicação no museu deveria ser plural e polissêmica, entendendo que o público não é passivo no processo, mas pode ser ativo e também construtor de sua própria experiência (CURY, 2004, p. 91; CURY, 2012a, p. 51).

No entanto, a comunicação museológica não é apenas uma etapa do processo ou uma oportunidade de trocas e criações com o público, mas caracteriza-se também como a revelação das escolhas da instituição, embasadas em diferentes possibilidades, cujas fronteiras podem ser tênues e variar entre o inclusivo e o excludente, o formal e o não formal, o objetivo e o subjetivo, o tradicional e o emergente, o discurso e o diálogo.

É válido dizer que na exposição tais escolhas podem ser reveladas com maior clareza, uma vez que este é o mais importante produto comunicacional de um museu, a ponte entre o público, o patrimônio cultural musealizado e o processo museológico. Dito de outra forma, as exposições legitimam e caracterizam as instituições museais como tal, pois na ausência delas os museus seriam importantes reservas técnicas, expressivas coleções, centros de documentação ou arquivos (SCHEINER, 2003).

Em linhas gerais, uma exposição é a soma de ideias, objetos, mobiliários e recursos expográficos, articulados em um tempo e espaço, sendo que tal conjunto deve ser dosado com inteligibilidade e sentido (CURY, 2008, p. 83). É produto que exige organização, planejamento, elaboração, captação de recursos, concepção, pesquisa, integração, produção, montagem, manutenção, desmontagem e avaliação.

É também “lugar” metodológico, onde podem ser desenvolvidos estudos de público, denominados de estudos de recepção, cujos principais objetivos são compreender a comunicação museológica como intervenção junto aos sujeitos do museu, analisar qualitativamente o discurso expositivo e verificar a sua efetividade, transformar hipóteses em dados empíricos e construir um quadro teórico-metodológico que facilite a interpretação e a compreensão do fato museal, a relação profunda que se estabelece entre sujeito e patrimônio cultural musealizado (GUARNIERI, 1990).

Ademais, como “lugar metodológico” as exposições constituem espaços importantes de estudos não somente de profissionais da Comunicação Museológica e de outras áreas da Museologia, mas também de uma rede diversificada de disciplinas que estão vinculadas ao museu e que podem se apropriar deste universo de maneiras muito particulares (MORAES, 2008, p. 52), como é o caso da pesquisa que será apresentada.

Apresentação da Pesquisa

A pesquisa de pós-doutorado denominada “Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná” tem como objetivo analisar como a Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena são evidenciados em exposições museais nestas duas regiões. Até o momento foram realizadas visitas técnicas em 44 instituições localizadas em municípios paulistas e paranaenses (Tabela 1).

De um modo geral, tais cidades compartilharam processos de ocupação humana e colonização bem semelhantes. Primeiramente, grupos indígenas habitaram as regiões e, em seguida, a colonização esteve relacionada à expansão da cafeicultura, ou seja, às formas capitalistas de ocupação e uso da terra - entre o final do século XIX e o início do século XX - com a presença de frentes pioneiras, ferrovias, terras boas para o cultivo do café e outros produtos, investimentos da iniciativa privada, imigração etc.

Uma hipótese é que, apesar de investigar exposições apresentadas por instituições e municípios diversos, em dois estados diferentes, os elementos históricos comuns podem sugerir pontos recorrentes nas propostas comunicacionais, bem como evidenciar não apenas disputas territoriais, mas também a seleção e a valorização de algumas memórias em detrimento de outras, algo que o estudo do meio permitirá corroborar ou refutar. E, como resultado das visitas técnicas realizadas, está sendo elaborado um banco de dados atualizado sobre os museus visitados.

Tabela 1 - Municípios e instituições onde foram realizadas as visitas técnicas. Autoria: Leilane Patricia de Lima

Estado de São Paulo	
Municípios	Instituições
Assis	Museu e Arquivo Histórico de Assis – Casa de Taipa “José de Freitas Garcez” e Anexo “José Giorgi”
	Museu Ferroviário Agenor Francisco Felizardo
Paraguaçu Paulista	Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior
Iepê	Museu de Arqueologia de Iepê
	Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê
Pedrinhas Paulista	Centro Cultural (Museu dos Pioneiros)
Gália	Centro Cultural (Museu Municipal de Gália)
Garça	Museu Histórico e Pedagógico de Garça
Marília	Museu Histórico e Pedagógico Embaixador Hélio Antônio Scarabôtollo

	Museu de Paleontologia de Marília
Vera Cruz	Memorial de Vera Cruz (Espaço Cultural Mario Belinelli)
Bastos	Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka
Tupã	Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre
Varpa (distrito de Tupã)	Museu Histórico de Varpa Janis Erdberges
Bauru	Museu Ferroviário Regional de Bauru
	Museu Histórico Municipal
Ourinhos	Museu Municipal Histórico e Pedagógico de Ourinhos
Presidente Prudente	Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (UNESP)
	Museu Prefeito Antônio Sandoval Neto
Chavantes	Museu Histórico Municipal Adibe Abdo do Rio
Piraju	Museu Histórico e Pedagógico Constantino Leman
	Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mário Neme (USP)
Total: 15 municípios + 1 distrito	22 instituições
Estado do Paraná	
Cafeara	Museu Histórico Municipal João Rissatti
Colorado	Museu Municipal de Colorado
Uniflor	Fundação Museu Histórico e Centro Cultural Professora Maria Aparecida da Silva Ayres
Bela Vista do Paraíso	Museu Municipal Gecy Fonseca
Porecatu	Museu Municipal José Jabur
Sertanópolis	Museu Histórico de Sertanópolis
Cambé	Museu Histórico de Cambé
Londrina	Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (UEL)
	Museu de Geologia e Pedologia (UEL)
	Museu da Sociedade Rural do Paraná
Ibiporã	Museu Histórico e de Artes de Ibiporã
	Museu do Café de Ibiporã
Jataizinho	Museu Histórico de Jataizinho
Arapongas	Museu de Arte e História de Arapongas
Rolândia	Museu Municipal de Rolândia
Maringá	Museu Dinâmico Interdisciplinar (UEM)
	Museu da Bacia do Paraná (UEM)
	Museu de Geologia (UEM)
	Museu de História e Artes Hélenon Borba Côrtes
	Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (UEM)
	Museu Histórico (Unicesumar)

Florianópolis (distrito de Maringá)	Memorial Kimura
Total: 13 municípios + 1 distrito	22 instituições

Metodologia da Pesquisa

No que se refere à metodologia da pesquisa, foram seguidas as orientações metodológicas do projeto “Análise de Exposições Antropológicas⁴”. Nesse sentido, foi adotado como aporte metodológico para a pesquisa em andamento a Avaliação Técnica, que consiste em observar tecnicamente a exposição posta no espaço, como ela se apresenta para o público, valendo-se de observação, amplo registro fotográfico e registro criterioso em caderno de campo (CURY, 2012b, p. 12).

Para a coleta de informações durante as visitas técnicas foi elaborado um roteiro⁵. Este instrumento foi preenchido em todas as instituições e exposições visitadas. Nele foram anotados os dados institucionais e operacionais, as características geográficas, físicas e arquitetônicas da instituição-sede, os elementos referentes à infraestrutura e dados relacionados às exposições estudadas: acervo exposto, recursos expográficos, mobiliário, temas propostos etc. Em específico, foi indicada a presença ou não de vestígios arqueológicos indígenas e de referências à Arqueologia nos espaços expositivos.

Em cada estado foram realizadas 22 visitas técnicas. Partindo do pressuposto de que a exposição é um “lugar metodológico” e um produto comunicacional de uma instituição museal, o banco de dados que está sendo organizado, a partir dos roteiros preenchidos em campo, apresentará informações de cinco unidades temáticas diferentes: o museu, a exposição, a Arqueologia, o patrimônio arqueológico e a experiência da visita. Para cada **unidade temática (A-E)** foram criadas as **unidades de análise (I-XIV)**, totalizando 14 tópicos gerais distribuídos entre os cinco temas analisados. Por fim, foram também

⁴ A pesquisa de pós-doutorado está vinculada ao projeto “Análise de Exposições Antropológicas”, coordenado pela professora Dra. Marília Xavier Cury, do MAE-USP, e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Segundo Cury, a proposta é “*levantar dados para subsidiar a proposição de categorias que possam sustentar modelos expográficos, parte substantiva da discussão para uma crítica de exposições museológicas*” (CURY, 2012b, p. 2). Ainda, como objetivos específicos o referido projeto procura entender processos expográficos – condições de produção, resultado formal e recepção – para compreensão de metodologias, construção de retóricas, análise da forma/*design* e apreensão dos usos públicos, e colaborar para uma crítica de exposição, levantando pontos de (des) construção da linguagem expositiva (CURY, 2012b, p. 4).

⁵ Este roteiro é uma adaptação do “Roteiro de Observação para Visita a Museus”, elaborado pela professora Dra. Marília Xavier Cury e utilizado durante a disciplina de graduação “Exposições Antropológicas”, no ano de 2013.

elaboradas as **unidades de contexto (1-68)**, em um total de 68 itens potenciais de verificação distribuídos entre as 14 unidades de análise (Tabela 2)⁶.

Tabela 2 - Estrutura do banco de dados - Temas, Unidades de Análise e Unidades de Contexto. Autoria: Leilane Patricia de Lima.

A - MUSEU
I – Sobre a identidade do museu pesquisado
1 - Categoria Institucional
2 - Natureza Administrativa
3 - Tipologia de Acervo
II – Sobre os “pontos” de encontro com o público
4 - Atendimento Telefônico
5 - Atendimento Eletrônico
6 - Atendimento Presencial
III - Sobre o espaço geográfico e físico
7 - Localização
8 - Equipamentos culturais próximos
9 - Circulação no entorno
10 - Entorno imediato da instituição museal
11 - Uso do espaço externo (arredores do edifício)
IV - Sobre a comunicação visual
12 - Comunicação Externa
13 - Comunicação Interna
V - Sobre o acesso à instituição
14 - Meios
15 - Formas
16 - Pisos
17 - Entrada
18 - Potenciais barreiras de acesso
VI - Sobre o espaço arquitetônico
19 - Tipo de imóvel
20 - Funções do imóvel

⁶ (LIMA, 2016) (no prelo).

21 - Formas de institucionalização

22 - Infraestrutura de uso interno

23 - Infraestrutura e equipamentos de uso externo (público)

24 - Segurança

25 - Segurança contra incêndio

VII - Sobre a organização espacial

26 - Setor Expositivo

27 - Setor Técnico

28 - Setor Administrativo

VIII - Sobre o relacionamento com o público

29 - Controle de visitas (quantitativo)

30 - Controle de visitas (qualitativo)

31 - Ações de marketing

32 - Ações de atendimento e eventos

B - EXPOSIÇÃO

IX – Concepção política

33 - Ficha técnica

34 - Tomada de decisão

X - Concepção museológica

35 - Título

36 - Tipo de exposição

37 - Narrativa

38 - Temas

39 - Recorte Conceitual

40 - Desenvolvimento conceitual

41 - Acervo exposto

42 - Orientações para o público

43 - Elementos de atração

44 - Trajeto

45 - Circulação interna

46 - Pontos do percurso

47 - Acessibilidade na exposição

XI - Concepção expográfica

48 - Recursos expográficos

49 - Mobiliário que dá suporte ao acervo exposto

50 - Vitrines

51 - Cores

52 - Iluminação

53 - Textos verbais

54 - Expografia

55 - Controle ambiental do acervo exposto

56 - Segurança da exposição

C - ARQUEOLOGIA

XII - Arqueologia na exposição

57 - Formas de apresentação

58 - Representação

59 - Localização

D - PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

XIII – Patrimônio Arqueológico Indígena na Exposição

60 - Procedência

61 - Espaços ocupados

62 - Acomodação

63 - Apresentação

64 - Localização

65 - Recursos expográficos

E - EXPERIÊNCIA

XIV – Experiência da visita

66 - Aparência visual da exposição

67 - Sentimentos da visita

68 - Imagem do museu

Em se tratando especificamente a unidade temática “Patrimônio Arqueológico”, oito instituições no estado de São Paulo e nove instituições no estado do Paraná apresentaram patrimônio arqueológico relacionado às populações indígenas em seus espaços expositivos (Tabela 3).

Tabela 3 – Instituições com patrimônio arqueológico indígena nos espaços expositivos.
 Autoria: Leilane Patricia de Lima.

<i>Estado de São Paulo</i>	
Municípios	Instituições
Paraguaçu Paulista	Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior
Iepê	Museu de Arqueologia de Iepê
Bastos	Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka
Tupã	Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre
Bauru	Museu Ferroviário Regional de Bauru
Ourinhos	Museu Municipal Histórico e Pedagógico de Ourinhos
Presidente Prudente	Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (UNESP)
Piraju	Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mário Neme (USP)
<i>Estado do Paraná</i>	
Porecatu	Museu Municipal José Jabur
Sertanópolis	Museu Histórico de Sertanópolis
Cambé	Museu Histórico de Cambé
Londrina	Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (UEL)
	Museu de Geologia e Pedologia (UEL)
Ibiporã	Museu Histórico e de Artes de Ibiporã
Jataizinho	Museu Histórico de Jataizinho
Maringá	Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (UEM)
Floriano (distrito de Maringá)	Memorial Kimura

Para levantar dados numa perspectiva mais abrangente sobre as características e a situação geral do patrimônio arqueológico indígena exposto em exposições museais, foram levantadas em campo as seguintes informações: procedência, espaços ocupados na exposição, acomodação, formas de apresentação, localização e recursos expográficos (vide Tabela 2 – itens 60 a 65).

No que se refere à procedência das peças arqueológicas, foi identificada uma variedade de categorias até o momento: local e/ou regional, de outros municípios, de outros estados, de outros países e não indicada.

A respeito dos espaços ocupados na exposição, as categorias identificadas foram: um espaço, uma sala ou seção de Arqueologia; sala/seção de Pré-História; sala/seção de História; sala/seção de Etnografia; sala/seção de Ciências Naturais e todo o espaço expositivo.

Sobre a acomodação dos vestígios arqueológicos foram identificadas as seguintes situações: dentro de vitrines e/ou armários e/ou gavetas, pendurados em paredes, colocados em suportes ou diretamente no chão.

Quanto à forma de apresentação das peças arqueológicas foram identificadas as seguintes ocorrências: isoladas, agrupadas por tipo, agrupadas por função, agrupadas por matéria-prima, misturadas entre outros objetos arqueológicos, entre objetos históricos, entre objetos das ciências naturais e entre objetos etnográficos.

Para a localização dos objetos dentro das exposições foram considerados a entrada, o meio e o fim dos percursos expositivos.

Sobre os recursos expográficos usados junto aos objetos arqueológicos foram consideradas as seguintes categorias: textos, vitrines, fotos, legendas, vídeos, painéis, banners, ilustrações, mapas, cenários, maquetes, cores.

Como o banco de dados está sendo alimentado com as informações coletadas durante as visitas técnicas, serão apresentadas, mais detalhadamente e a título de exemplos, duas instituições no estado de São Paulo que apresentam vestígios arqueológicos em seus espaços expositivos: Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior, em Paraguaçu Paulista, e Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka, em Bastos.

Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior – Paraguaçu Paulista

O Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior foi fundado no ano de 2004 nas dependências do antigo mercado municipal da cidade. É um museu histórico, cuja natureza administrativa é pública municipal local. A tipologia do acervo é variada e inclui peças da Antropologia e Etnografia, da Arqueologia, das Artes Visuais, da Ciência e Tecnologia, da História, de Imagem e Som, Biblioteconômico e Documental. Não há atendimentos telefônico e eletrônico, somente presencial.

O museu está localizado na zona urbana central, próximo à Biblioteca e ao Teatro Municipal. A circulação no seu entorno é ampla e o entorno imediato da instituição (uma praça) que deveria ser usado para descanso e lazer da população parece abandonado.

Não há informações na fachada do edifício que indiquem que ali é o museu histórico da cidade (Imagem 1). No entanto, à entrada da instituição há uma placa que se refere à data inaugural do museu naquele espaço: 08/05/04. A comunicação interna também é bastante limitada. Não há símbolos internacionais de acesso, rotas e direções, mapa para

os visitantes. Há uma única placa que indica a sala destinada ao "escritório" (administrativo) da instituição.

Os meios de acesso à instituição são variados. O visitante pode chegar de ônibus, carro, moto, bicicleta, a pé. A entrada é gratuita e a instituição é aberta ao público de terça a sexta-feira, no horário de funcionamento da prefeitura.

O imóvel onde está localizada a instituição é histórico não tombado. O edifício teve seus espaços adaptados para se transformar em museu. Como infraestrutura externa (de uso do público), o museu oferece área de descanso, bebedouro e banheiros (não acessíveis). Há também o estacionamento da praça, que pode ser utilizado tanto pelos funcionários quanto pelo público, mas sem exclusividade.

Internamente, a organização espacial é dividida nos seguintes setores: espaço expositivo (para exposições de longa duração e temporárias) e administrativo. Vale dizer que o espaço para a exposição temporária abriga parte do acervo do Museu de Artes da cidade, que está desativado. E o setor administrativo corresponde a um pequeno escritório, logo à entrada da instituição. A reserva técnica fica em outro galpão, mas ainda dentro do complexo do antigo mercado.

Sobre as formas de relacionamento com o público, a instituição museal mantém em seu espaço expositivo um controle quantitativo de visitantes (livro de visitas) e oferece monitorias e visitas guiadas, desde que agendadas previamente.

A respeito da exposição de longa duração, esta não tem título e nem ficha técnica. Foi organizada por alguns funcionários municipais e apresenta como tema principal a história do município. O trajeto expositivo é sugerido a partir de algumas portas de acesso fechadas e outras abertas, mas a circulação interna no espaço expositivo é livre.

Em linhas gerais, a exposição pretende apresentar – cronologicamente – a história de formação e desenvolvimento do município, com ênfase nas famílias pioneiras, no cotidiano doméstico e no trabalho rural. Para tanto, uma variedade de temáticas foram abordadas em seu desenvolvimento conceitual: Indígenas, Imigrantes, Pioneirismo, Personalidades, Agricultura e Trabalho Rural, Cotidiano Doméstico, Religião, Política, Educação, Saúde, Artes, Comunicação, Relíquias e Curiosidades, Comércio e Indústria, Economia e Revolução foram alguns temas escolhidos nesta proposta comunicacional.

No que se refere à temática indígena, esta foi abordada a partir de objetos arqueológicos e etnográficos, em uma sala/seção do espaço expositivo que se encontra logo à entrada da exposição (Imagem 2). O patrimônio arqueológico exposto é composto por artefatos

polidos, mais precisamente, 14 lâminas de machado, 1 martelo, 1 machado encabado, 2 mãos de pilão e 6 fragmentos de telha da Redução Jesuítica de Santo Inácio-PR. O patrimônio etnográfico é composto por 2 vasilhames de cerâmica que podem ser de origem Kaingang local (não indicado), armas do Mato Grosso e adornos de Belém do Pará.

A respeito da procedência das peças arqueológicas, foi possível identificar que algumas são locais/regionais e outras são do Paraná (fragmentos de telhas), mas a maioria das peças arqueológicas em exposição não tem sua procedência informada. A informação repassada na instituição é que as peças foram coletadas pelo jornalista e historiador que dá nome ao museu, José Jorge Júnior.

Os objetos indígenas foram acomodados em uma vitrine e em um armário. Cada um destes suportes apresenta tanto objetos arqueológicos quanto objetos etnográficos. Os objetos arqueológicos apresentados na vitrine são os artefatos polidos. A forma de apresentação destes objetos sugere que eles foram organizados por tipo, por matéria-prima e função. No caso do armário, os objetos arqueológicos expostos são os fragmentos de telha.

Os recursos expográficos usados junto aos objetos indígenas são as fotografias e as legendas. As fotografias, localizadas na parede logo acima da vitrine expositiva, ilustram os kaingang da região, no início do século XX. Enquanto que as legendas não apresentam uma padronização muito bem definida: algumas indicam a função, outras a procedência, outras a matéria-prima, outras a época e assim por diante.

De um modo geral, com a visita técnica foi possível perceber que a temática indígena foi apresentada no desenvolvimento conceitual e na narrativa da exposição, tanto a partir de objetos que ilustram populações contemporâneas, quanto a partir de vestígios de sociedades mais antigas. No entanto, estas diferenciações não estão claramente definidas e nem foram discutidas para o público da exposição. Dito de outra forma, os objetos indígenas foram usados para fazer referência ao índio – não necessariamente local - mas genérico, algo que pode colaborar para o reforço de estereótipos, sem diferenciações, discussões, explicações complementares, apenas para apresentar um passado antes da colonização da região feita pelos pioneiros. Temas como processos de ocupação humana local, diversidade, cotidiano, crenças e rituais etc. não foram abordados.



Imagem 1 - Fachada do Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior, Paraguaçu Paulista-SP. Foto: Leilane Patricia de Lima, 2016.



Imagem 2 - Sala/Seção Indígena, Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior, Paraguaçu Paulista-SP. Foto: Leilane Patricia de Lima, 2016

Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka – Bastos

O Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka foi fundado no ano de 1975 nas dependências do primeiro hospital da região. Encontra-se dentro de um complexo com um jardim japonês (Jardim da Amizade, inaugurado em 1995 para celebrar os 100 anos de amizade entre Brasil e Japão). Neste jardim há monumentos, marcos, placas comemorativas, lago (desativado), ponte, uma sala de recepção para receber autoridades (hoje usada como depósito de jardinagem) e núcleos expositivos. A instituição foi reformada e reinaugurada em 08/02/2012. As Secretarias Municipais de Educação e Esportes estão compartilhando o espaço do museu temporariamente.

É um museu histórico, cuja natureza administrativa é pública municipal regional. A tipologia do acervo é variada e inclui peças da Antropologia e Etnografia, da Arqueologia, das Artes Visuais, da Ciência e Tecnologia, da História, de Imagem e Som, Biblioteconômico e Documental. A instituição não oferece nenhum tipo de atendimento eletrônico.

O museu está localizado na zona urbana central, próximo à Biblioteca e ao Teatro Municipal. A circulação no seu entorno é média e o entorno imediato da instituição é bastante atrativo por conta do Jardim Japonês.

Não há informações na fachada do edifício que indiquem que ali é o museu histórico da cidade (Imagem 3). No entanto, na área interna da instituição – mais precisamente em seu setor expositivo - há uma placa que indica sua reinauguração, datada de 08/02/2012.

Os meios de acesso à instituição são variados. O visitante pode chegar de ônibus, carro, moto, bicicleta, a pé. A entrada é gratuita e a instituição é aberta ao público todos os dias, sendo que aos finais de semana o horário de atendimento é reduzido.

O imóvel onde está localizada a instituição é histórico não tombado. O edifício teve seus espaços adaptados para se transformar em museu. Como infraestrutura externa (de uso do público), o museu oferece recepção, área de descanso, bebedouro e banheiros acessíveis.

Internamente, a organização espacial é dividida nos seguintes setores: expositivo, técnico (reserva técnica) e administrativo.

Sobre as formas de relacionamento com o público, a instituição museal mantém em seu espaço expositivo um controle quantitativo de visitantes (livro de visitas) e oferece monitorias e visitas guiadas, desde que agendadas previamente.

A respeito da exposição de longa duração, esta não tem título e nem ficha técnica. Foi organizada pelo fundador que dá o nome à instituição, Sr. Saburo Yamanaka, com a ajuda de funcionários e colegas. O trajeto expositivo é fechado, obedecendo a organização arquitetônica do edifício-sede, porém a circulação interna no espaço expositivo é livre (Imagem 4).

De um modo geral, é possível dizer que há duas exposições que ocupam o setor expositivo de longa duração do Museu de Bastos. De um lado, uma tem narrativa classificatória e apresenta elementos da história natural (rochas, minerais, fauna e flora). De outro, a narrativa é cronológica e temática e trata da história da imigração japonesa na região, apresentando cronologicamente a formação e desenvolvimento do município.

Para tanto, uma variedade de temáticas foram abordadas no desenvolvimento conceitual: Indígenas, Imigrantes, Pioneirismo, Colonização, Personalidades, Agricultura e Trabalho Rural, Cotidiano Doméstico, Religião, Política, Educação, Artes, Comunicação, Economia, Profissões, Obras e Desenvolvimento, Esportes, Eventos Militares, História Familiar, Fauna, Flora, Minerais e Rochas.

No que se refere à temática Indígena, esta foi abordada a partir da apresentação de objetos etnográficos e muitos objetos e fragmentos arqueológicos. Sobre os primeiros, uma pequena parcela compõe um espaço expositivo próximo à Seção Marítima⁷ com poucas cerâmicas, exemplares de cestarias e armas, acomodados diretamente no chão. Outros estão dentro de vitrines de mesa misturados a objetos de várias tipologias.

Sobre os objetos arqueológicos, estes são apresentados nos dois salões expositivos principais, sempre associados e misturados aos exemplares de fauna, flora, cristais, rochas e minerais. Ou seja, não participam da área expositiva onde são apresentadas informações históricas sobre a ocupação humana local, mas estão nos setores específicos que tratam do patrimônio relacionado às ciências e à história natural.

Estão expostos objetos provenientes de quase todas as regiões brasileiras, principalmente do estado de São Paulo, recolhidos entre as décadas de 1930 e 1970. São artefatos e fragmentos líticos (lascados e polidos), cerâmicos e ósseos, além de fauna malacológica, ossos humanos e exemplares de materiais construtivos. No entanto,

⁷ Tal seção apresenta a ossada de uma baleia da espécie *Balenóptero*, popularmente conhecida por Minke. O mamífero, na orla litorânea da Paraíba, media 9,50m de comprimento, 6,65m de diâmetro, 2m de altura e pesava mais de 10 toneladas. A ossada foi montada e doada pelo Departamento de Oceanografia e Limnologia do Instituto de Biologia Marinha da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

a procedência do patrimônio arqueológico não está indicada em todas as inúmeras peças e fragmentos que se encontram no setor expositivo.

Os objetos arqueológicos foram acomodados em diversas vitrines de mesa, armários e em suportes. Os recursos expográficos utilizados são legendas, mas estas não têm conteúdo padronizado, a legibilidade está comprometida e a localização foi trocada, isto é, há situações em que a cerâmica é apresentada como lítico e vice-versa.

De um modo geral, é possível perceber que a temática indígena foi apresentada no desenvolvimento conceitual e na parte expositiva em que há uma narrativa classificatória de elementos ligados às ciências naturais. A mensagem transmitida é que esta temática pertence mais àquilo que tem origem natural do que cultural, e a própria divisão no espaço expositivo indica isso - os índios estão tão fortemente integrados à natureza a ponto de se confundirem com ela (LIMA; FRANCISCO, 2013, p. 99). Ficou bastante claro que o museu está abandonado, sem recursos humanos e financeiros. Não há manutenção dos objetos em exposição e há uma degradação evidente do patrimônio cultural musealizado.



Imagem 3 - Fachada do Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka, Bastos-SP. Foto: Leilane Patricia de Lima, 2016.



Imagem 4 - Setor expositivo, Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka, Bastos-SP. Foto: Leilane Patrícia de Lima, 2016.

Considerações Finais

A proposta deste artigo foi apresentar alguns elementos de reflexão para a compreensão dos museus como espaços de salvaguarda e comunicação do patrimônio arqueológico, mas também como potencial “lugar” metodológico para os profissionais que atuam na área da Arqueologia Pública, especialmente a partir do estudo empírico do seu principal produto comunicacional: a exposição.

Nesse contexto de reflexões foi apresentado tanto o aporte metodológico da pesquisa de pós-doutorado, embasado na Avaliação Técnica de exposições, quanto a estrutura do banco de dados digital, uma plataforma que está em fase de revisão e que apresentará dados atualizados das 44 instituições visitadas nos dois estados. Tais dados foram pensados de maneira a contemplar cinco unidades temáticas: o museu, a exposição, a Arqueologia, o patrimônio arqueológico e a experiência da visita.

Especificamente sobre o patrimônio arqueológico indígena, foram apresentadas as unidades de análise e as categorias identificadas em campo. No entanto, como o banco de dados não está finalizado, optou-se por discutir a situação do patrimônio arqueológico

indígena - a título de exemplo - em dois museus municipais - o de Paraguaçu Paulista e o de Bastos, ambos no estado de São Paulo.

Em geral, foi possível perceber que no primeiro caso o patrimônio arqueológico colabora para uma narrativa que se caracteriza como cronológica e temática. Sendo assim, estes objetos foram usados – junto a objetos indígenas contemporâneos – para apresentar o índio de maneira genérica, estereotipada e, até mesmo exótica, e para ilustrar um passado antes da colonização feita pelas famílias pioneiras, sobretudo. No segundo caso, o patrimônio arqueológico indígena participou de uma narrativa classificatória, sendo apresentado junto ao acervo das rochas, minerais, cristas, flora e fauna, transmitindo a ideia de que aquilo que é dos índios tem origem natural, não cultural.

Apesar de ainda não finalizada, toda a análise tem por objetivo entender certos padrões em exposições e, mais do que isso, se os objetos arqueológicos indígenas são elementos comuns nestas propostas comunicacionais que têm função essencial na memória coletiva.

Referências

BEZERRA, Marcia. Um breve ensaio sobre patrimônio arqueológico e povos indígenas. *Revista de Arqueologia*, v.24, n.1, p.74-85, 2012,. Disponível em: <http://sabnet.com.br/revista/artigos/SAB_Revista_V24-02_PgSimples.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

CURY, Marília Xavier. Os usos que o público faz dos Museus - A (re)significação da cultura material e do Museu. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n.1, p. 86-106, 2004.

CURY, Marília Xavier. Reflexões sobre a importância pública das exposições antropológicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 7, p.77-87, 2008,

CURY, Marília Xavier. Educação em museus, cultura e comunicação. CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Coleção didática e prática de ensino, nº 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 357-369.

CURY, Marília Xavier. Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: a experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v.1, n.1, p.49-76, 2012a. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/6842/5514>>. Acesso em: jan. 2016.

CURY, Marília Xavier. Análise de Exposições Antropológicas - Subsídios para uma Crítica. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, XIII, 2012b, ENANCIB, 2012. *Anais...* Rio de Janeiro: ANCIB, 2012b. p.1-20. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19360.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.

GUARNIERI, Waldisa Russio. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, n. 3, Rio de Janeiro: IBPC, 1990.

LIMA, Leilane Patricia de. A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de caso em Londrina-PR. *Tese* (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Funari. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde.../LEILANELIMAREvisada.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.

LIMA, Leilane Patricia de. A Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no centro-oeste de São Paulo e norte do Paraná: questões preliminares. *Questões indígenas e museus* (no prelo).

LIMA, Leilane Patricia de; FRANCISCO, Gilberto da Silva. Exposição, Comunicação e Alteridade. *Diálogos entre as licenciaturas e a educação básica: aproximações e desafios*. In: LIMA, Ângela Maria de Sousa et al. (Orgs.). Londrina: UEL, 2013. p.91-104.

LIMA, Tânia Andrade. Um passado para o presente: preservação arqueológica em questão. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 33, p. 5-21, 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 33, p.37-57, 2007.

MORAES, Julia. L. Nolasco. Faces e interfaces da Museologia: Um olhar interdisciplinar sobre exposições museológicas. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (UFF-IBICT), Rio de Janeiro, 2008. Orientador: Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

SALERNO, Virginia. Pensar la arqueologia desde el sur. *Complutum*, v. 23, n.2, p. 191-203, 2012. Acesso em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/40885>>. Acesso em: ago. 2016.

SCHEINER, Tereza C. M.. Comunicação - educação - exposição: novos saberes, novos sentidos. *Semiosfera*, v. 4-5, 2003.